

DRAMATURGIAS EMERGENTES

VOLUME DOIS

Farol, Joaquim Paulo Nogueira
Os Nomes Que Faltam, Carlos Alberto Machado
O Parque dos Piqueniques, José Mora Ramos
Stormy Weather, Marcela Costa
O Violino do Avô Africano, Helena Miranda

6

cadernos **Dramat**





DRAMATURGIAS EMERGENTES I

ANTES DOS LAGARTOS

ARTE DA GUERRA

BALANCE

DORME DEVAGAR

O ESPANTALHO TESO

DRAMATURGIAS EMERGENTES II

FAROL

OS NOMES QUE FALTAM

O PARQUE DOS PIQUENIQUES

STORMY WEATHER

O VIOLINO DO AVÔ AFRICANO

Farol

Joaquim Paulo Nogueira

Os Nomes Que Faltam

Carlos Alberto Machado

O Parque dos Piqueniques

José Mora Ramos

Stormy Weather

Marcela Costa

O Violino do Avô Africano

Helena Miranda

Centro de Dramaturgias Contemporâneas – Porto

Livros Cotovia – Lisboa

Título: *Dramaturgias Emergentes II*
© Autores e Edições Cotovia, Lda., Lisboa 2001

ISBN 972-795-015-9

Índice

Advertência Preliminar, <i>Antônio Mercado</i>	p. 7
Farol, <i>Joaquim Paulo Nogueira</i>	11
Os Nomes Que Faltam, <i>Carlos Alberto Machado</i>	61
O Parque dos Piqueniques, <i>José Mora Ramos</i>	105
Stormy Weather, <i>Marcela Costa</i>	153
O Violino do Avô Africano, <i>Helena Miranda</i>	167

Advertência Preliminar

Para que o leitor possa avaliar adequadamente as peças reunidas nestes volumes (números 5 e 6 dos Cadernos Dramat), convém mencionar o contexto em que foram criadas. Em Outubro de 1999, o DRAMAT — Centro de Dramaturgias Contemporâneas do Teatro Nacional de São João deu início, no Teatro Rivoli do Porto, a uma oficina de escrita teatral destinada a um pequeno grupo de autores iniciantes. Alguns deles eram muito jovens, outros nem tanto; alguns estavam ligados ao meio teatral, outros à academia, à docência ou à investigação científica em áreas diversas; poucos eram os que tinham uma ou outra peça encenada ou publicada, muitos os que sonhavam tê-las, ou que as mantinham guardadas nas gavetas.

A generosidade com que o DRAMAT apostou na formação de novos autores de teatro em Portugal encontra sólido apoio na doutrina e na crítica, que tradicionalmente atribuem à dramaturgia um papel de relevo na complexidade do fenómeno teatral. Alain Defrange chega mesmo a afirmar que

No teatro não há revolução, nem mesmo verdadeira mudança, senão ao nível das obras. Nunca uma inovação de ordem cénica, por mais válida que seja, transforma verdadeiramente a arte dramática; no melhor dos casos, ela participa numa perturbação em cuja origem está a obra escrita, e só ela. Não obstante o que pensem hoje em dia numerosos encenadores, não existem grandes datas na história do teatro a não ser as da aparição das grandes obras.

(*Théâtre Populaire*, 51)

Mas nesta época em que o palco parece bastar-se a si mesmo e a “autoria” ganha novos contornos, o texto dramático — com as suas personagens, situações, atmosferas e ritmos — será ainda capaz de oferecer estímulos válidos para o trabalho do encenador e dos actores? O primado da encenação não terá tornado anacrónica aquela exaltação à força seminal da dramaturgia? Poderemos buscar nos textos um ímpeto renovador da linguagem cénica? Haverá ainda na ficção dramática algum secreto poder que nos instigue a expandir os horizontes da significação, a desvendar relações inexploradas, a percorrer insuspeitos desvãos da experiência individual e colectiva? O que têm a dizer, sobre tudo isto, os novos autores de teatro em Portugal?

Em parte, foi para tentar esclarecer algumas destas questões que o DRAMAT investiu na sua Oficina de Escrita. Se alguma resposta havia, seriam os novos autores a encontrá-la — e para isso precisavam de tempo. A oficina, originalmente concebida para durar seis meses, acabou por estender-se por mais dois. O trabalho foi organizado em sucessivos módulos presenciais, no intervalo dos quais os autores escreviam e reescreviam gradualmente as suas peças, comunicando-se entre si e com o orientador por via postal ou pela Internet.

O VIOLINO DO AVÔ AFRICANO

HELENA MIRANDA

PERSONAGENS

GINHO
MIRO
AVÔ
CONDESSA
COMENDADOR
CRIANÇA

CENÁRIO

Sala escura. À esquerda uma porta, à direita outra. Várias janelas com cortinas. Uma lareira. Alguns móveis velhos. Resmas de papéis antigos empoeirados. Livros empilhados por todo o lado, em cima da mesa e pelo chão, alguns abertos; baú com armas. Um catre. Tudo desarrumado. Animais africanos embalsamados, uma palanca e um javali.

Ginbo dirige-se para a porta e espreita pelo óculo da porta, depois afasta-se alguns passos e continua a olhar para a porta. Volta a aproximar-se e volta a olhar pelo óculo. Fecha-o. Afasta-se. De repente corre para lá, abre-o rapidamente e espreita. Entra Miro.

MIRO De novo a porta?

GINHO Estou a estudar o que se vê de fora para dentro.

MIRO Mas como é que estudas o que se vê de fora do lado de dentro?

GINHO Já te expliquei que quero saber o que se vê de fora para dentro, embora já saiba que se vê bastante, quero saber exactamente em que grau. O que é que já conhecem do que se passa aqui.

MIRO Mas se não queres que se saiba porque é que eu ando sempre a fechar o óculo e tu sempre a abri-lo?

GINHO Quero apanhá-los a olhar cá para dentro, quero saber quem são.

MIRO Mas se o fechares sempre já ninguém saberá o que se passa cá dentro.

GINHO E isso que interesse tem?

Miro (*Já sem paciência*) Ginho, já ontem discutimos isso. Não me quero ver nos olhos dos outros, ouviste?

GINHO Por favor, Miro. E se ninguém sabe que existimos? Diz-me? Vais passar os dias a cortar o ar, a falar para ti mesmo?

MIRO (*Socorrendo Ginbo, leva-o até ao catre*) É o que sempre fiz.

GINHO (*Quase em lágrimas*) Tens a mania que és muito autónomo, mas vais ver que não consegues. Não se pode falar só para dentro e ao mesmo tempo haver quem nos vigie, sem que diga nunca nada. Eu sou mais velho do que tu, devias respeitar...

MIRO Tens razão. Tens razão... (*Pausa mudando subitamente*) Falo sempre contigo e acabas sempre oferecendo-me o que eu recebo como presentes de sabedoria e depois já nem sei nada.